

Então, o que é Maçonaria? (II)

No prefácio do livro **O templo de Salomão na Tradição Maçônica**, de **Alex Horne**, lemos: “... a opinião largamente desprovida de senso crítico que a vasta maioria dos maçons tem da pretensa história e tradição de sua instituição remonta a uma longa lista de obras quase-históricas, que começam com a porção histórica do primeiro livro das constituições, do Dr. Anderson (1723) e que, diz-nos o Dr. Mackey, foi por um século e meio considerado uma história autêntica, e até os dias de hoje é ainda aceita por alguns maçons super crédulos e não bem informados como uma narrativa verdadeira da ascensão e do progresso da maçonaria. Isto foi escrito talvez a um século ou mais, mas é provavelmente tão verdadeiro no que se refere a atual geração de leitores maçônicos quanto o era no tempo de Mackey.”

Nicola Aslan, abordando o mesmo tema acrescenta: “Dentro da vasta bibliografia ... constam as obras de escritores que foram buscar o berço da maçonaria nas mais variadas e inesperadas sociedades da antiguidade, do Egito, da Grécia e de Roma. Nela encontramos obras

Aula 12

Objetivos:

- Estabelecer com precisão as características da maçonaria tradicional;
- Comentar a opinião de outros autores sobre o tema.

Horne, Alex. O Templo de Salomão na Tradição Maçônica. São Paulo, Pensamento, 1987.

Aslan, Nicola. História Geral da Maçonaria, Período Operativo. Aurora, pp.13,15.

veiculando as hipóteses mais espetaculares tornando a ordem maçônica a herdeira e sucessora dos pitagóricos, essênios, iniciados nos mistérios, albigenses, maniqueus e até mesmo templários. Contudo, são meras hipóteses que não conseguem resistir a um exame mais sério.”

Um pouco mais adiante, na mesma obra, numa citação de Albert Lantoiné lemos: *“O erro da maioria dos escritores maçônicos consiste na preocupação que tiveram e na tentativa que fizeram de basear a história da instituição sobre o simbolismo. Pelo fato de seus sinais de reconhecimento, seus atributos e formas de seu ritual terem alguma semelhança com os ritos das sociedades antigas, foram levados a deduzir e a crer que se aparentavam. É assim que encontramos em vários autores, tão numerosos que não convém citá-los particularmente, a afirmada filiação da maçonaria aos colégios de artífices criados por Numa Pompílio, com os costumes dos Druidas, com ritos da boa deusa, ou de Ísis ou de Elêusis, com os mistérios do Egito, da Pérsia ou da Caldéia (...) lamentamos não poder tomá-los em consideração.”*

Apenas a título de ilustração, apresentarei também algumas citações de autores que defendem interpretações místicas. **Robert Ambelain** apresenta uma versão da lenda de Hiram que não consta dos rituais de nenhuma potência ou rito maçônico, mas que ele considera como sendo a expressão correta, oculta, da lenda, a partir da qual ele desenvolve o que chama de “maçonaria luciferina”:

“Como vemos, a lenda de Hiram se originou no seio das tradições próprias aos ferreiros cainitas dos arredores do Sinai, aproxima-se das tradições tântricas indianas,...”

e mais adiante,

“essa lenda... consta de um número respeitável de páginas em Voyage en Orient, de Gérard de Nerval, que a ouviu em Istambul, no bairro dos joalheiros e construtores, da boca de um contador profissional de histórias populares.”

Ambelain, Robert. A Franco-Maçonaria, Origem, História, Influência. Ibrasa, 1990, pp.41-44; 45.

Ora, **Alex Horne** nos informa que esta suposta lenda surgiu de um libreto de ópera que não chegou a ser produzida, mas foi incluída pelo autor, Gérard de Nerval, em seu livro **Viagem ao Oriente**, sob o título de *História da Rainha da Manhã e de Solimão Príncipe dos Djins*. Com que critério Ambelain decide tomar como verdadeira uma “lenda” cujo autor diz ter ouvido da boca de um contador de histórias? O curioso é que na página 85 da mesma obra o autor faz a seguinte afirmação, referindo-se a outra lenda:

“É também bastante evidente que não se pode basear uma conclusão racional num relato místico, sem raízes históricas demonstradas, por mais antigo e tradicional que seja.”

Apesar de apresentar muitos tópicos interessantes, de valor histórico o autor cita equivocadamente vários textos bíblicos, considerando Moisés como o autor do bezerro de ouro no Sinai, atribui uma data para a lendária morte de Hiram, para utilizar a simbologia do número 33 diz que *“O templo de Salomão foi destruído ao cabo de trinta e três anos por Schischak, faraó do Egito.”*¹, acontece que,

contado do início da construção à invasão Egípcia decorreram 41 anos, se contarmos do término, decorreram 34, e os egípcios *saquearam*, não destruíram o templo, o que foi realizado muitos anos mais tarde pelos exércitos do babilônio Nabucodonosor.²

O livro apresenta, ainda, outras citações indevidas e interpretações descabidas, mas creio que estas já bastam.

Essa linha de pensamento foi seguida também por Antônio de Macedo e José Anes. O primeiro nos diz, falando do número 33:

*“ É um número de grande significado oculto, e começo por chamar a atenção para o fato de que no Rito Escocês Antigo e Aceito o último dos altos graus é o 33º, de Grão- Inspetor Soberano Geral. É o mais elevado dos poderes iniciáticos dos Antigos Mistérios que é transmitido maçonicamente, e confere a quem o recebe uma luminosa e única religião ao Rei Espiritual do Mundo, com todo o despertar de poderes espirituais que tal concessão implica. Mais do que um grau, é uma misteriosa idade que se atinge, quando se é digno de receber tal qualificação.”*³

Horne, Alex. op. Cit., p. 252. Sobre a tal lenda, Horne comenta: “Ela tem a pretensão (séria ou não) de ser a narrativa de um contador de histórias árabes num café de Istambul, mas a profusão de detalhes hirâmicos em que ela abunda, e que dificilmente poderia originar-se do saber árabe lendário, indica tratar-se da imaginação criativa de Nerval, baseada talvez no saber maçônico francês então corrente, mais do que uma importação autêntica do Oriente.”

Esta é uma afirmação que por certo deixa atônito qualquer maçom detentor do grau 33. **Em todo o mundo**, duvido que exista um único maçom Grande Inspetor Geral da Ordem que sinceramente reconheça ter recebido “poderes espirituais” de qualquer ordem ao ser iniciado ao grau 33. Mais adiante, refletindo a já comentada idéia de “Maçonaria Luciferina de Ambelain, o autor nos apresenta a seguinte “Pérola” de conhecimento iniciático:

“Quando Caim e Abel ofereceram uma oblação a Jeová, Abel limitou-se a sacrificar um primogênito de seu rebanho, ao passo que Caim ofereceu frutos da terra, provavelmente já resultantes de manipulações genéticas, híbridos, sei lá, as leis de Mendel já deviam andar por ali... Mendel é sem dúvida um descendente de Caim! É claro que Jeová recebeu com agrado a oferta de Abel, e recusou os dons de Caim.(...) o Jeová do antigo testamento que é o senhor dos Exércitos, Deus das raças ,ciumento ,divisionista e vingativo, ao ver a oferta de Caim deve ter pensado: ‘Eis que este pode tornar-se um rival incômodo, senão mesmo perigoso. Por este caminho, um dia está a construir coisas mirabolantes, foguetões, vai

aos planetas e me vem parar à porta, ou quem sabe, tornar-se igual a mim”. Daí ter desviado o rosto das ofertas de Caim.”⁴

O autor, partindo de uma interpretação literal do texto bíblico, apresenta dados oriundos certamente de uma fonte *transcendente*, pois ele conhece não só a inteligência de Caim, “manipulando geneticamente os frutos da terra” (ora, vejam!) como também as razões, intenções e pensamentos do próprio Criador! Mais adiante ele nos oferece outra informação de idêntica qualidade:

“... Um ostracismo é uma espécie de morte; em que punição incorrerá a Igreja Católica ao condenar ao ostracismo os maçons, filhos de Caim?”⁵

Essa absurda genealogia maçônica, o autor deve ter ido buscar também em Ambelain, que associa, de maneira torta, os maçons a Tubalcain, descendente de Caim, e ao fato de que o texto bíblico nos diz que Caim “*tornou-se um construtor de cidade e deu à cidade o nome de seu filho Henoc*”.⁶

Ora, Considerando-se que os maçons há séculos não se dedicam mais à construção civil, os atuais descendentes de Caim seriam então engenheiros, mestres de obras, operários da construção civil, etc.? Tomando a Bíblia literalmente, como faz o autor, os descendentes de Caim teriam perecido no dilúvio, e a atual humanidade seria toda descendente dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafet; Noé por sua vez era descendente de Seth, filho de Adão que substituiu Caim, e que segundo o autor seria originador da classe sacerdotal, em oposição aos filhos de Caim. Levando também em conta uma descendência simbólica, os atuais “filhos” de Tubalcain seriam os metalúrgicos, pois, segundo o texto bíblico⁷: *“Ele foi o pai de todos os laminadores em cobre e ferro”*.

O segundo autor citado, José Anes de início admite que a maçonaria

“só aceita crentes das diversas religiões, ou pessoas sem religião específica, mas que aceitam que um princípio “superior de natureza divina preside aos destinos do Homem, da Natureza e do Cosmos; portanto, no universo da regularidade, só podem ser maçons pessoas que já tem uma religião(...)

ou pessoas que acreditam no “Grande Arquiteto do Universo” que é uma expressão que simboliza um princípio ordenador do caos, o qual não colide com a imagem do Deus das religiões...”⁸

Mas, a seguir, falando sobre iniciação, afirma:

*“A iniciação é então o fundamento, a raiz que pode permitir, **(não exclusivamente, pois a graça também o pode fazer)** uma vivência religiosa interiorizada profunda (esotérica, não tenhamos medo da palavra) (...) Por outro lado, os sacramentos vem de cima, enquanto a iniciação é ascensional, aqueles possibilitam a “descida” do espírito, esta pretende a “elevação” dos homens – elevação que não é apenas moral, como uma visão redutora do papel da maçonaria quer fazer crer (por vezes com receio que as igrejas sintam o seu espaço invadido, concorrencialmente), **mas sobretudo espiritual, isto é, uma via de acesso ao sagrado,** diremos, indiferenciado, não especificado.” (os grifos são meus)*

Ora, se a Maçonaria pretende ser, como o enfatizam todos os documentos desde *As Constituições* de Anderson, o ponto de reunião de

homens de diferentes religiões, está claro que não é nem pretende ser uma religião, como demonstram os *landmarks* citados em aula anterior, e como o próprio autor reconhece em suas palavras iniciais, não pode portanto ser *concorrente* de nenhuma delas, ou uma *via* [paralela] *de acesso ao sagrado*, pois assim estaria se caracterizando como mais uma religião. Os graus maçônicos transmitem em si aspectos simbólicos e filosóficos, não tendo qualquer conotação religiosa/sacramental. O reconhecimento explícito do caráter não religioso da maçonaria é implicitamente negado no desenvolvimento dos conceitos místico/iniciáticos deste e de outros autores, que parecem não perceber a flagrante contradição.

Jean Palou, que nos deu várias contribuições de valor histórico neste trabalho, no final de seu livro já citado diz:⁹

*“Este é o problema, aliás, característico de todas as épocas. **“Por que meios “Técnicos” poderá o homem encontrar o caminho da salvação, não só pela prática do exoterismo, qualquer que ele seja, mas ainda pelo conhecimento esotérico? A Franco Maçonaria, apesar dos seus***

ritos diversos, apesar de suas obediências lamentavelmente múltiplas, oferece esse meio, uma vez que constitui um autêntico depósito tradicional iniciático.” (os grifos são meus)

Ora, essas palavras caracterizam novamente uma religião, numa contradição frontal com os documentos já citados e com os argumentos que apresentamos até aqui. Que idéia poderá formar da Maçonaria alguém que lê as palavras dos autores citados acima, ou de outros da mesma escola, como Jorge Adoum, Charles Leadbeater, etc? Não quero aqui apresentar qualquer juízo de valor sobre os conceitos metafísicos desenvolvidos pelos últimos autores citados, mas apenas ressaltar que eles poderiam ser vinculados a qualquer das instituições de caráter místico mencionadas anteriormente nessas aulas, especialmente a Teosofia, não à Maçonaria.

A visão apresentada acima é refletida nas condenações da instituição pelas diferentes igrejas cristãs, que não têm condições de discernir o que representa a descrição correta da ordem, já que existem maçons que oferecem versões distorcidas a esse respeito, trocando a realidade da prática cotidiana das lojas e da filosofia refletida nos rituais tradicionais por românticos devaneios e vôos da imaginação.

Então, o que é Maçonaria?

A resposta para essa questão, título desta seção é dada em todas as sessões do grau de aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito pelo chanceler da loja, aquele que com sua chancela, seu carimbo, de ofício, autentica, atesta, valida os documentos sendo, portanto, a figura adequada para dar a definição oficial, abalizada da Instituição.

“Que é a Maçonaria irmão Chanceler?”

“É uma instituição que tem por objetivo tornar feliz a humanidade pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade, pelo respeito à autoridade e crença de cada um.”

Na declaração do chanceler transparece cristalinamente o objetivo da maçonaria, ainda que gigantesco, com reflexos que beiram a utopia, inteiramente voltados para o aqui e agora; não propõe nenhum aspecto transcendente de união com o cosmos, com a divindade, não

promete revelação de mistérios, não apresenta qualquer programa de salvação espiritual, em resumo, não aborda nenhum dos aspectos tão queridos por alguns maçons místicos e que, se existentes, descaracterizariam a Instituição, fazendo-a assumir a configuração de uma religião, ou um simulacro religioso.

A grandiosidade da proposta maçônica estudada com os dois pés firmemente apoiados no chão da racionalidade, da realidade e não da fantasia, assume mesmo assim como já foi comentado acima, contorno que de tão abrangentes chegam a ser utópicos - Tornar Feliz a Humanidade.

E como a maçonaria se propõe executar essa incomensurável tarefa? Por quais meios?

A instituição maçônica não tem como *modus operandi* liderar campanhas populares, ou fazer manifestações através da mídia clamando pela prática da fraternidade. Ela tem um método próprio, que se inicia no nível individual, mas com finalidade de influir no coletivo: toma um indivíduo, como se fora uma pedra bruta, e oferece a ele seus princípios e filosofia, como instrumentos de trabalho



O Mestre planejando sua obra.

com os quais o maçom, num trabalho pessoal elimine suas asperezas e irregularidade e venha como pedra cúbica, polida, ajustar-se perfeitamente ao edifício social, de modo progressista e construtivo.

A intenção é que o aprimoramento pessoal seja refletido necessariamente no melhoramento das instituições, portanto, o “auto-perfeccionamento” maçônico tem conotação eminentemente moral e visa um fim social não-transcendente. Enfatizando, não há qualquer ligação entre o trabalho maçônico e a obtenção da salvação, de um lugar no céu, paraíso ou nirvana.

A maçonaria não tem qualquer interesse ou doutrina sobre o *Além*, pois esse é o domínio das religiões. Sobre esse tema podemos resumir a posição Maçônica dizendo: Escolhe a concepção metafísica de vida que mais te agrada, preencha tuas aspirações, ou motive tua fé, mas concede ao teu irmão, que está ao teu lado, a possibilidade de fazer escolha diferente, mesmo oposta à tua. Quaisquer que sejam tuas posições metafísicas pessoais a respeito do Além colabora com teus irmãos aqui, agora, para que as cargas sejam mais leves, o sofrimento menor, e *Fraternidade, Solidariedade, Justiça*, possam ser algo mais que meros conceitos filosóficos

O principal problema da Instituição deriva do seguinte fato: A maçonaria só admite em seus quadros homens **adultos**. Ora, estudos realizados no campo da psicologia nos dão conta de que é na tenra infância que a personalidade individual é formada e suas linhas básicas definidas. Todos os que adentram à Maçonaria têm já suas vidas estruturadas, pessoal e profissionalmente. Suas posições no contexto político-social e religioso já estão estabelecidas e seus conceitos prévios estabelecidos por seu meio familiar, social e educação. **Como poderá então a maçonaria exercer sua influência docente sobre um adulto?** Gibran Khalil Gibran em seu livro *O Profeta*¹⁰ nos diz que só é possível ensinar a alguém algo que já esteja “*adormecido na aurora de seu entendimento*”. Na verdade, um professor não transfere seus conhecimentos para o aluno; ele apresenta dados que o aluno, em seu processo de elaboração intelectual vai montando até assimilar perfeitamente o conceito exposto. Sem esse trabalho pessoal o aprendizado não ocorre. Assim a questão levantada acima tem como resposta: **Somente se ele o desejar, se estiver disposto a realizar uma reformulação de seus conceitos e referenciais com base nos princípios apresentados.**

Por isso o candidato à iniciação precisa ser “livre e de bons costumes”. No passado o termo livre significava principalmente não sujeito à servidão pessoal, escravo ou servo de gleba. Hoje se entende que o homem não pode estar sujeito a vínculos coercitivos de qualquer ordem, que ele deve estar disposto a avaliar suas posições pessoais se tiver dados significativos indicando nessa direção. A palavra de ordem da Maçonaria é, como já vimos, a fraternidade e observada do ponto de vista puramente pragmático sua finalidade parece inatingível. Ela propõe que homens já formados, com seus preconceitos cristalizados no campo intelectual, social, racial e religioso possam conviver harmonicamente como irmãos. Somente alguém “livre e de bons costumes” pode olhar objetivamente os óbices de sua formação e decidir empenhar-se em sua superação. Chegamos aqui ao cerne do trabalho maçônico, cujos fundamentos são expressos na definição do objetivo da participação pessoal do maçom nos trabalhos de sua loja :

“Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e fazer novos **progressos na Maçonaria...**”



A filosofia maçônica nada impõe, apenas indica. O maçom, livre e voluntariamente, “sem sofismas ou reserva mental”, deve submeter suas paixões e sua vontade à razão, instruída pelos princípios mais elevados da fraternidade, que em nada se opõe aos princípios da moral cristã, também compartilhados por tantas ou-

tras organizações e religiões. É no processo de submissão da vontade individual a princípios mais elevados que ocorre a superação das paixões. Esses princípios não correspondem à tendência humana natural e espontânea, pois se assim fosse não precisariam ser ensinados ou defendidos. A seqüência natural de nossos impulsos nos levaria a tentar submeter aqueles que nos rodeiam à nossa vontade, segundo as nossas paixões, por isso faz-se necessário a decisão firme e a tenacidade e empenho na aplicação do maço e do cinzel no processo de eliminação consciente das excrescências e irregularidades da “pedra bruta”. A Maçonaria deseja que seus filiados levem seus princípios ao mundo social, de modo a alterar progressivamente seus costumes.

A fala do chanceler, passo a passo nos dá a seqüência das idéias do programa maçônico: Tornar feliz a humanidade **pelo amor...**

Devemos lembrar aqui as três palavras dos gregos. O amor de que fala aqui a maçonaria não é, com toda certeza, Eros; mas sim do aspecto *philia*, o amor fraterno, fortemente embebido do *agápe*, o amor/caridade profundo.

Progressos na Maçonaria: Vencer minhas paixões e submeter minha vontade tem como corolário “fazer novos progressos na Maçonaria”, constituindo sua própria essência. Se alguém recebeu todos os graus maçônicos, mas não aprendeu a aplicar esse princípio, não fez progresso algum.

A fraternidade universal não é uma idéia nova, ou de origem maçônica, mas certamente, se vivenciada, resolveria a maior parte dos grandes conflitos humanos. Assim o princípio da fraternidade é a pedra fundamental, a base em que se apóia toda a instituição maçônica..

Continuando em sua fala, o chanceler acrescenta as outras maneiras pelas quais a Maçonaria pretende encaminhar seu objetivo de tornar feliz a humanidade:

“...pelo aperfeiçoamento dos costumes...”

Como já foi comentado, não faz parte da atitude maçônica sair a público empunhando bandeiras (a instituição em si, o que não impede que os maçons individualmente ou compondo organizações não maçônicas o façam). A Maçonaria não desenvolve campanhas em defesa dos chamados bons costumes, mas o maçom deve atuar com firmeza no contexto em que estiver inserido, fazendo valer os princípios elevados da instituição. Quando nos referimos a **Princípios maçônicos**, não queremos sugerir que tais princípios tenham sido necessariamente formulados pela Maço-

naria, mas sim que a Instituição os adotou por virem ao encontro de suas aspirações. Cada dia torna-se mais necessário a ênfase nos valores éticos e morais. Temos observado uma desintegração de valores e princípios refletidos não apenas nas ações dos indivíduos que vivem à margem da estrutura social, mas também, o que é estarrecedor, entre aqueles que, oriundos de classes privilegiadas assumem o encargo de governar e dirigir nossas instituições.

Os contínuos escândalos que trazem a público o mau uso dos recursos do Estado, utilizados em interesses particulares por aqueles que deviam ser seus guardiões, a tenebrosa teia de corrupção que se instalou nos interstícios do poder público de modo, ao que parece, irremovível, em todos os escalões, injetam no inconsciente da população um descrédito crescente nos conceitos de justiça e no valor do princípio da autoridade.

Quando os próprios guardiões da lei a transgridem com impunidade, os conceitos de civismo e respeito à pátria com seus símbolos passam a ser encarados com um sorriso sarcástico no canto dos lábios. Por isso, dentro desse quadro soturno, torna-se mais premen-

te a atuação de homens que visem um ponto mais longe do que seus próprios interesses pessoais, que estejam dispostos a se manterem firmes em seus princípios; que seu **sim** ou **não** sejam orientados por uma convicção do que é certo ou errado, por um sentido ético definido e não por uma conveniência pessoal e egoísta. Por todas essas razões, esse é um tempo que anseia pelo aperfeiçoamento dos costumes preconizado pela instituição maçônica.

E continua o chanceler: “...*pela tolerância...*” É o princípio da tolerância que torna possível a homens de partidos políticos e religiões diferentes conviver fraternalmente, em respeito e consideração mútuos, contribuindo para um ideal comum. Contudo, esse princípio tem necessariamente seus limites. Casos há em que a excessiva tolerância aproxima-se perigosamente da fronteira da cumplicidade. Também não podemos utilizar o princípio da tolerância como justificativa para a omissão, compactuando pelo imobilismo com erros crescentes. Por isso a aplicação desse conceito exige um apurado senso de discernimento e um alto grau de sabedoria.

Outro princípio presente na fala do chanceler é a **igualdade**. Apesar das diferenças de religião, formação intelectual, social, de origem racial, etc., os maçons têm em comum a instituição a que pertencem. Mas todos compartilham com os outros membros da raça humana de uma igualdade mais essencial; temos as mesmas fragilidades, somos vulneráveis aos mesmos vícios e os eventos que nos causam prazer, dor ou alegria são semelhantes. É dessa igualdade em humanidade que decorre a igualdade de direitos, um dos pilares do triângulo maçônico : Liberdade, Igualdade, Fraternidade. A maçonaria não prega a homogeneização, a massificação, mas sim valoriza a igualdade na diversidade, paradoxo que se harmoniza no pavimento de mosaico dos templos maçônicos. Essa é a igualdade que deve ser buscada.

Termina o chanceler sua definição sintética acrescentando: “... *pelo respeito à autoridade e crença de cada um.*” Fiel ao seu princípio de liberdade de pensamento, a maçonaria sustenta a necessidade do respeito à opção pessoal de cada um de seus membros no que se refere a partidos políticos e crenças religiosas. Não

poderia ser diferente numa instituição que se propõe contribuir para a fraternidade universal, pois um breve retrospecto histórico nos mostra os tenebrosos efeitos da intolerância, política e religiosa em épocas passadas, quando cristãos e pagãos digladiavam-se e mesmo

Esta é a origem da proibição de se discutir religião e política em loja, pois todos conhecemos a história das lutas fratricidas motivadas por divergências políticas e religiosas. Esse princípio, contudo, não impede que se comente aspectos religiosos históricos, ou que se estude religiões comparadas, ou aspectos místicos e míticos da história dos povos, uma vez que a Maçonaria sempre defendeu o livre exame de todas as questões. Nada impede que se apresentem palestras ou estudos sobre, por exemplo, a descrição teosófica do cosmos, ou o significado dos sefirot na Árvore da Vida cabalística, desde que fique claro que se está apresentando interpretações de diferentes grupos ou organizações, com valores culturais intrínsecos, talvez até aceitos por alguns dos irmãos presentes, mas completamente desvinculados do pensamento e doutrina Maçônica. De modo semelhante, os atos de um cidadão consciente tem em si um componente político essencial, que não pode ser menosprezado. O que se pretende evitar é que a loja seja transformada em uma tribuna de defesa ou ataque a determinada religião, culto ou partido político, que se pratique o proselitismo, o que negaria aquele princípio fundamental, e acabaria por esfacelar a Instituição.

dentro do cristianismo, católicos e protestantes promoveram mortes e atrocidades em nome de Deus.

Estes são os princípios fundamentais da maçonaria, suas linhas coordenadoras e inspiradoras. É verdade que em todas as instituições, a transposição dos princípios para o mundo dos fatos, o mundo palpável, tridimensional, perde qualidade e nitidez, por uma razão única: os aplicadores dos princípios são agentes imperfeitos. Ser maçom constitui um reconhecimento implícito de imperfeição, pois só se busca aquilo que ainda não foi alcançado. Numa sociedade perfeita a maçonaria não teria razão para existir. Mesmo sendo aplicados com deficiências, são esses princípios e filosofia que dão alento, vida ao corpo da instituição que vemos atuar. Torna-se, contudo, necessário, melhor dizendo, indispensável, que os maçons cultivem a disposição de reverem periodicamente suas atitudes, posições e decisões dentro e fora da instituição, pois a ordem só se aperfeiçoa na medida em que a prática procura refletir com nitidez os ensinamentos de seus princípios fundamentais.

Terminamos aqui esse curso sobre a história da Maçonaria. Esperamos que este estudo tenha sido proveitoso e tenha também estimulado a busca de novas informações ou aprofundamento de conceitos na bibliografia apresentada e além dela, pois numerosas são as obras publicadas sobre estudos maçônicos. Aceitamos também a possibilidade de discordâncias relativas aos temas desenvolvidos aqui, mas desejamos enfatizar a necessidade da busca de fundamentos e referências para balizar essas opiniões, de modo que o estudo sério da Maçonaria possa desenvolver-se, avançando além do campo das simples e emotivas opiniões pessoais.

Obrigado pela atenção!